

A PAUSA REVELADORA NA LONDRES DA WILKINSON

O dia seguinte foi de liberdade total.

Nenhum compromisso.

Nenhuma agenda.

Nenhum motorista.

Nenhuma cerimônia.

Caminhei por Piccadilly Circus, e meus olhos sempre escapavam na mesma direção.

Soho.

Quando eu era mais jovem, tinha sido acolhido naqueles lugares.

Não só como cliente.

Também como observador.

Um convidado bem-vindo.

Abertamente bem-vindo.

Com o passar dos anos, aprendi que as fraquezas não devem ser escondidas.

Devem ser compreendidas.

E, quando não fazem mal a ninguém, podem até ser alimentadas pelas coisas que nos dão prazer.

Caminhei sem pressa.

Londres parecia mais silenciosa que de costume.

Talvez a cidade tivesse mudado.

Talvez eu tivesse mudado.

Ou talvez fosse simplesmente a influência de Maggy.

Desde que eu a tinha conhecido, cada rua parecia contar uma história.

Cada prédio parecia guardar uma lembrança.

Cada canto da cidade parecia pertencer a alguém que já não estava ali.

Pela primeira vez, eu não estava visitando Londres.

Estava escutando Londres.

E, enquanto atravessava Piccadilly Circus, entre as luzes, os turistas e os velhos fantasmas da minha juventude, eu soube que aquele não era um dia de descanso.

Era simplesmente o intervalo entre uma lição e a seguinte.

Porque no dia seguinte eu veria minha tia de novo.

E, com ela, muito provavelmente, mais um pedaço de uma história que ninguém ainda tinha terminado de contar.

Ferdinando